

Putin reconhece separatistas e envia soldados à Ucrânia

CRISE INTERNACIONAL

Manobra de Putin acirra a tensão

Presidente russo reconhece a independência de duas repúblicas separatistas no leste da Ucrânia e autoriza o envio de soldados à região para garantir a paz. EUA anunciam as primeiras sanções, e União Europeia promete respostas firmes

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, deu novo passo que dificulta um desfecho diplomático à crise instalada com líderes ocidentais e governo ucraniano. Depois de acompanhar, no domingo, exercícios nucleares com mísseis balísticos, o dirigente russo reconheceu a independência das repúblicas separatistas pró-Rússia de Donetsk e Lugansk, áreas que saíram do controle de Kiev em 2014 e são cenário de confrontos desde então, e ordenou o envio de mais homens à região alegando que eles trabalharão pela manutenção da paz.

Para países ocidentais, essa pode ser uma manobra de Moscou para intensificar os combates já acirrados na região e usar isso como pretexto para invadir o vizinho. Por isso, líderes reagiram imediatamente à decisão de Putin, anunciada em rede nacional de televisão. Os Estados Unidos divulgaram as primeiras sanções, com possíveis impactos econômicos, e a França pediu uma reunião de emergência do Conselho de Segurança das Nações Unidas para discutir o que classifica como uma "violação unilateral dos compromissos internacionais da Rússia e uma violação da soberania ucraniana". Até o fechamento desta edição, a data da reunião não havia sido decidida. A presidência rotativa do Conselho é ocupada atualmente pela Rússia.

À avaliação de Kiev e de líderes do Ocidente é de que a decisão de Putin viola os acordos de Minsk, firmados em 2015 entre ucranianos e russos, sob intermediação de Alemanha e França, para garantir a paz na fronteira entre os dois países, o que, segundo especialistas, nunca aconteceu de fato. Otim, ao declarar a independência das áreas separatistas e assinar "acordos de amizade e ajuda mútua" com elas, Putin pode ter entrado na saída pacífica.

Isso porque o dirigente russo também autorizou o envio de mais homens à região — há mais de 190 mil na área, segundo os EUA e aliados —, sinalizando planos de construir bases militares nesses



Putin argumenta que ucranianos têm um "governo de fantoche". Ocidente teme que aumento dos confrontos seja o pretexto para um ataque a Kiev

A Ucrânia é parte integrante da nossa história"
Vladimir Putin, presidente da Rússia

locais e falou abertamente sobre o acirramento dos confrontos. "Quanto aqueles que tomaram o poder em Kiev e o mantêm, exigimos que parem imediatamente as operações militares. Caso contrário, toda a responsabilidade por mais derramamento de sangue recairá sobre a consciência do regime em território ucraniano", disse.

Segundo o dirigente, a Ucrânia tem um "governo fantoche" do Ocidente e representa uma ameaça à Rússia. Ele justificou a decisão tomada usando uma série de argumentos históricos e alegou que as terras ancestrais do leste ucraniano são russas. "A Ucrânia é parte integrante da nossa história", enfatizou, afirmando, em seguida, que Kiev não foi capaz de formar um estado sólido desde o fim da União Soviética e que, por isso, depende de países estrangeiros.

Frente internacional

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, convocou o Conselho de Segurança e Defesa Nacional e conclamou uma reunião "imediatamente" do Conselho de Segurança da ONU. Em uma frente internacional,

a França, que é membro do conselho, fez o mesmo pedido, e o presidente Emmanuel Macron defendeu a aplicação de "sanções europeias seletivas" contra Moscou. Macron e o chefe de governo alemão, Olaf Scholz, assumiram o papel de mediadores no conflito do leste da Ucrânia e têm conversado com Putin sobre a crise internacional nos últimos dias. Segundo o Kremlin, o presidente se comunicou sobre a decisão de ontem, e eles "expressaram decepção" com o anúncio.

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e o presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, afirmaram, pelo Twitter, que a União Europeia (UE) reagirá "com firmeza" ao que considera uma "flagrante violação do direito internacional". Após uma reunião de chanceleres em Bruxelas, o chefe da

diplomacia da UE, Josep Borrell, afirmou que vai colocar "o pacote de sanções na mesa dos ministros europeus".

O Reino Unido prometeu para hoje a ativação de sanções contra a Rússia em resposta à "violação do direito internacional e ataque à soberania e à integridade territorial da Ucrânia", disse a chefe da diplomacia britânica, Liz Truss. Na avaliação do primeiro-ministro Boris Johnson, a decisão de Putin não é um bom "presságio" para a atual crise internacional e há "indícios de que as coisas evoluem em uma direção ruim na Ucrânia".

Foco econômico

Mais rápido nas retaliações, Washington anunciou as primeiras sanções contra as regiões

separatistas da Ucrânia. Entre elas, estão a proibição de "novos investimentos, comércio e financiamento por parte de americanos de, para ou nas regiões" pró-russas de Donetsk e Lugansk, segundo a porta-voz da Casa Branca, Jen Psaki. Em caso de invasão à Ucrânia, essas medidas serão somadas a outras mais "severas" que têm sido preparadas em coordenação com os aliados, completou Psaki. A Casa Branca também qualificou como "violação flagrante" dos compromissos internacionais a decisão anunciada por Putin.

O presidente Joe Biden conversou, por telefone, com Volodymyr Zelensky e, segundo a Casa Branca, "reafirmou o compromisso dos Estados Unidos com a soberania e a integridade territorial" da Ucrânia. O líder americano também atualizou o ucraniano sobre as sanções que estão sendo definidas e garantiu que vai responder "rápida e decisivamente, em sintonia com seus aliados e parceiros, a novas agressões russas contra a Ucrânia". Os EUA também se mostraram abertos a uma solução diplomática à crise até que a Rússia inicie a invasão à Ucrânia.

Em paralelo ao anúncio do Putin, os moradores das regiões separatistas relatam as consequências do acirramento dos confrontos: "É a guerra, a verdadeira", disse Tatiana Nikulina à agência AFP. A mulher de 64 anos está entre os evacuados da região de Donetsk para a cidade russa de Taganrog. A saída dos civis da região foi recomendada por Moscou na semana passada e também é avaliada por especialistas como um forte indicativo da decisão russa de invadir a Ucrânia.

A intenção é "esmagar" civis, diz EUA

Os preparativos russos para uma invasão à Ucrânia incluem a adoção de estratégias "extremamente violentas" e com o intuito de "esmagar" a população civil, alertou o conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca, Jake Sullivan. Segundo ele, informações obtidas pela inteligência americana indicam que há o intuito de que o confronto entre Moscou e Kiev seja "particularmente brutal", o que "custaria a vida de ucranianos e russos, sejam civis ou soldados". "Será uma guerra travada pela Rússia contra o povo ucraniano para reprimi-los, esmagá-los, prejudicá-los", enfatizou Sullivan, em entrevista à emissora NBC News.

Os Estados Unidos já advertiram a Organização das Nações Unidas (ONU) para a existência de uma lista elaborada por Moscou com os nomes dos ucranianos que, em caso de invasão, devem ser assassinados ou capturados e enviados para acampamentos. Na carta enviada à Alta Comissária para os Direitos Humanos da ONU, a chilena Michelle Bachelet, também há a informação de que "as forças

» Chefe da ONU cancela viagem

Diante da escalada das tensões no leste da Ucrânia, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, cancelou, de última hora uma viagem para o Congo e decidiu voltar para a sede da agência, em Nova York. Guterres estava na Alemanha participando, no fim de semana, da reunião anual sobre segurança internacional e, de Portugal, viajaria para o país africano. Também segundo o porta-voz das Nações Unidas, Stephane Dujarric, a agência autorizou a realocação temporária de funcionários não essenciais e familiares enviados à Ucrânia. A agência tem cerca de 1.510 funcionários no país, incluindo 149 cidadãos estrangeiros.

russas usariam medidas letais para dispersar protestos pacíficos ou para, de alguma forma, contra-atacar o exercício pacífico da resistência de populações civis", segundo a agência France-Presse de notícias (AFP).

Assinado pela embaixadora americana na ONU em Genebra, Bathsheba Nell Crocker, o texto, a que a AFP teve acesso, também adverte que uma invasão à Ucrânia provocaria abusos, como sequestros ou tortura, e poderia atingir dissidentes políticos e religiosos e minorias étnicas.



Casa destruída em bombardeio em Donetsk: confrontos resultaram em 14 mil mortes desde 2014

provocou mais de 14 mil mortes. Em comunicado, a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) informou

que foram registradas mais de 1.500 violações da trégua na linha de frente no leste da Ucrânia em 24 horas — o número é o maior deste

ano. Nos últimos dias, com o agravamento das tensões, ao menos 10 companhias áreas suspenderam o tráfego de aeronaves na região.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo **Página:** 9